

Scientia et Ars em César e Vegécio: um
pequeno confronto crítico
Álvaro Alfredo Bragança Júnior

RESUMO

O presente artigo apresenta breves reflexões sobre a arte da guerra romana em tempos distintos, comparando as iniciativas de *Caius Julius Caesar* no cerco à praça-forte de Alésia em setembro de 52 a.C. e os comentários de *Publius Flavius Vegetius Renatus* (séc. IV) em seu *Epitoma rei militaris* no tocante às características do legionário e uma de suas armas, valorizando as antigas *virtutes* romanas em tempos de crise no Baixo Império.

PALAVRAS-CHAVE

História Militar; literatura latina; história de Roma.

T

INTRODUÇÃO

alvez um dos mais emblemáticos casos de ascensão geopolítica no mundo antigo, Roma e seu império fundem-se nos campos de batalha. Desde os tempos primeiros até ao século de *Caesar* e chegando ao seu termo com a desintegração do Império Romano do Ocidente, de certa forma prevista por *Vegetius*, a história de Roma presentificou-se nos embates com gládios, escudos, *pila*, formações de batalha e em inúmeros artefatos bélicos, como o escorpião, o *corvus* e as máquinas de sítio romanas, em nosso caso neste presente estudo, a tartaruga (*testudo*). Todavia, embora tenhamos por meio da Arqueologia, inúmeros materiais usados na arte da guerra romana, nossas considerações serão feitas pelo legado da pena, isto é, por textos de dois dos mais representativos que lidam com momentos distintos de Roma, a saber, os famosos *Comentarii de bello gallico*, de *Caesar*, e o *Epitoma rei militaris*, de *Vegetius*. Neste momento, a literatura, entendida aqui como arte da palavra, configura-se em documento histórico do passado e, destarte, o latim torna-se o instrumento para o conhecimento de épocas. Para tanto, contudo, em se tratando de uma discussão sobre combates, cercos e homens em guerra é necessário que entendamos alguns dos principais pressupostos da história militar.

HISTÓRIA MILITAR: PALAVRAS GERAIS

Dulce et decorum est pro patria mori. Assim, Horácio, em suas *Odes*, III, 2.13, fala sobre o sacrifício último do homem. Séculos mais tarde, no prefácio do *Liber III* em seu *Epitoma rei militaris* (por nós, a partir de agora, tratado como *Sobre a Arte Militar – SAM*), *Vegetius* relata que *igitur qui desiderat pacem, praeparet bellum*. No séc. XIX, o militar prussiano Carl von Clausewitz resume a questão da guerra com sua célebre frase, *A guerra é uma mera continuação da política com outros meios*, e Sir John Keegan (2006, p. 379) afirma, um século depois, que *A guerra não é uma atividade intelectual, mas brutalmente física*.

A implicação do combate homem *versus* homem no mundo antigo reforça totalmente a posição do historiador militar inglês que revolucionou um campo da historiografia pouco trabalhado junto aos Estudos Clássicos, a História Militar, lançando mão de uma

análise sociopolítica *macro* das questões inerentes às forças em embate. E o que vem a ser a História Militar? Segundo Keegan (2000, p. 28-30), em uma proposta de definição clássica,

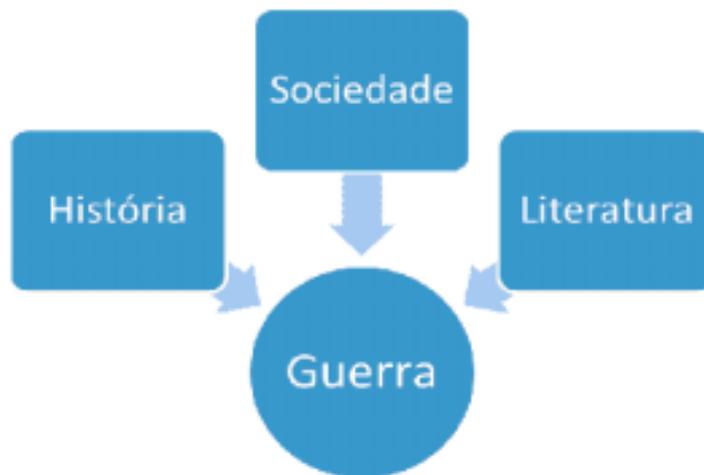
a História Militar é um conjunto de muitas coisas. É o estudo dos generais e do generalato [...]. É também o estudo do armamento e do sistema de armas, da cavalaria, artilharia, castelos e fortificações [...]. É [...] o estudo das instituições, regimentos, estados-maiores, dos exércitos [...], das doutrinas estratégicas adotadas na batalha [...]. A História Militar [...] tem, em última análise, de tratar da batalha.

Mesmo assim existe uma dicotômica visão dentro da área. Em uma perspectiva mais tradicional e descritiva, a História Militar trataria, pois, da história de guerras, campanhas, batalhas e feitos dos grandes comandantes, servindo como uma forma de registro de todas as atividades das forças militares na guerra e na paz.¹ Por outro lado, após o fim da Segunda Guerra Mundial, com um viés mais crítico e englobando diversas outras esferas da vida pública, diplomática, econômica, social, política e intelectual, tem-se a Nova História Militar, que, em linhas gerais, versa sobre o estudo das instituições militares e suas relações com a sociedade. Nesse sentido, o militar insere-se na cultura de uma comunidade e sobre ela exerce impacto.

No caso romano, além do conhecimento – *scientia* – e do domínio de várias *artes* bélicas, não se pode dissociá-las dos valores morais indispensáveis aos homens em armas, entre elas a *virtus*, que pode ser entendida como a correspondente latina da *areté* grega.² A disciplina e formação dos legionários, aliadas aos recursos técnicos bélicos próprios dos romanos e por estes incorporados dos povos vencidos, levaram à expansão de Roma para bem mais além do *Mare Nostrum*. Fontes essenciais para esta constatação são os relatos que apregoaram os feitos, *gloria*, *honores* e triunfos dos líderes militares da *Urbs*. Embora possam ser historiograficamente relativizados quanto aos reais interesses que envolvem as suas produções, tais textos constituem documentos importantes para a análise da estrutura militar de Roma em séculos de lutas contra reinos estrangeiros. Cremos, com isso, que se justifica cada vez mais a apreciação das obras literárias como leitoras da História, cujo centro de observações, em nosso estudo, está focado nas ações bélicas da República, personificadas

por *Caesar* no cerco a Alésia, e nos estertores do Baixo Império, em que o texto de *Vegetius* soa como sinal de alerta para um *fatum* terrível no porvir do século seguinte.

Em suma, a História Militar presta-se muito bem aos Estudos Clássicos no que tange ao estudo dos textos de campanhas em latim, pois, como exposto no esquema seguinte,



a guerra torna-se um centro de convergência axiomático da história de Roma.

Vejamos, em um momento primeiro, como *Caesar* lida com a revolta de *Vercingetorix*, em que analisaremos dois trechos com suas medidas no cerco à praça-forte de Alésia.

CAESAR E ALÉSIA: SCIENTIA E ARSE EM AÇÃO

Os dados biográficos de *Caius Julius Caesar* (110 – 44 a.C.) são facilmente acessíveis a todos os pesquisadores, e seus *Comentarii de bello gallico* (58 – 50 a.C.) compõem um quadro amplo sobre o primeiro século antes da era comum.¹ Os sete capítulos, a ele atribuídos, e o oitavo, de autoria duvidosa, fornecem dados sobre suas campanhas, os povos vencidos, a própria situação política em Roma e nas províncias, todas as informações passadas por uma impessoal terceira pessoa do singular. Seu distanciamento narrativo é parte de sua *ars* política – a personagem cria vida própria, e o homem a emula. O início de seus relatos à luz dos bivaques de campanha, *Galia est omnia*

divisa in partes tres (“Toda a Gália está dividida em três partes”), prima por uma concisão discursiva que condiz com o homem d’armas ao comando de suas legiões. Estas, por sua vez, se tornaram o instrumento prático de conquista territorial da República, principalmente a partir das reformas militares levadas a cabo por *Gaius Marius* (157 a.C. – 86 a.C.), vencedor das guerras contra os teutões e cimbros, povos germânicos. *Caesar* soube muito bem utilizar-se política e estrategicamente delas em seus embates principalmente contra os gauleses.

No ano de 52 a.C., *Caesar* debelou a mais bem organizada resistência dos gauleses, comandados por *Vercingetorix*, que, no início da rebelião, derrotara elementos da VIII Legião em Gergóvia, atual Puy-de-Dôme. Contudo, tal derrota seria assimilada e posteriormente imposta ao inimigo, após o cerco à praça-forte de Alésia. Na verdade, Alésia, distante hoje em dia cerca de 50 quilômetros a noroeste da cidade de Dijon, era um *oppidum*, um castro celta da tribo dos mandúbios localizado estrategicamente em um planalto, que oferecia uma situação defensiva privilegiada para os gauleses. Lá estava *Vercingetorix* e contra ele se lançaram *Caesar* e suas legiões. Todavia, para cercar e forçar Alésia à rendição seriam necessárias *scientia*, *artes* e também as *virtutes* romanas no combate. No tocante ao conhecimento e às técnicas, José Varandas (2004, p. 243) assim demonstra o poderio romano à disposição do cônsul:

Mas as legiões romanas possuíam outra mais-valia: a sua excepcional capacidade tecnológica. Os seus acampamentos eram praticamente inexpugnáveis, bem como paliçadas e fossos. Avassaladoras no campo de batalha, as legiões eram também extremamente eficazes na guerra de cerco. Possuíam a mais avançada maquinaria de guerra (catapultas, torres, escorpiões, etc.) e utilizavam-na de forma muito eficiente, como muitas cidades gaulesas, nomeadamente Alésia, o puderam testemunhar.

Somem-se a isso o preparo, a disciplina e a formação do legionário, bem salientados pelo pesquisador português (2004, p. 243):

Treino, disciplina, logística, administração, resultavam em tremenda eficácia militar, à qual se juntava o não menos importante factor psicológico. Todos os legionários se sentiam protegidos no seio da sua legião, todos sabiam qual a sequência normalizada dos procedimentos de marcha, acampamento e, fundamentalmente, da ordem de batalha.

Tais elementos contribuíam para dar ao legionário romano a virilidade e a iniciativa indispensáveis no momento do combate.

Como *Caesar* nos descreve isso em seu *Liber* VII de seus *Comentários*? Primeiro, tem-se a localização geográfica e a disposição dos gauleses:²

Ipsum erat oppidum Alesia in colle summo admodum edito loco, ut nisi obsidione expugnari non posse videretur. [2] Cuius collis radices duo duabus ex partibus flumina subleebant. [3] Ante id oppidum planities circiter milia passuum tria in longitudinem patebat: [4] reliquis ex omnibus partibus colles mediocri interiecto spatio pari altitudinis fastigio oppidum cingebant. [5] Sub muro, quae pars collis ad orientem solem spectabat, hunc omnem locum copiae Gallorum compleverant fossamque et maceriam sex in altitudinem pedum praeduxerant. [6] Eius munitionis quae ab Romanis instituebatur circuitus XI milia passuum tenebat. [7] Castra opportunis locis erant posita ibique castella viginti tria facta, quibus in castellis interdum stationes ponebantur, ne qua subito eruptio fieret: haec eadem noctu excubitoribus ac firmis praesidiis tenebantur.

Estava a praça de Alesia em posição mui elevada na cumiada de uma montanha, cujas raízes eram de dois lados banhadas por dois rios (103). Diante da praça estendia-se uma planície de cerca de três mil passos de comprimento: as mais partes eram circundadas por colinas de igual altura com mediocres intervalos entre si. Junto à muralha, toda a parte que olhava para o sol nascente, estava cheia de tropas gaulesas, protegidas por um fosso e um muro de pedra ensossa de seis pés de altura. A circunvalação, que começavam a fazer os Romanos, era de onze mil passos em circuito. Os arraiais achavam-se assentados em lugares oportunos, e havia neles vinte e três redutos, onde de dia se postavam guardas, para evitar qualquer súbita sortida dos inimigos, e de noite sentinelas e fortes guarnições.

Conhecida a situação do relevo e feita a avaliação das forças adversárias, *Caesar* inicia os preparativos para o cerco, como por ele mencionado:

Quibus rebus cognitis ex perfugis et captivis, Caesar haec genera munitionis instituit. Fossam pedum viginti directis lateribus duxit, ut eius fossae solum tantum pateret quantum summae fossae labra distarent. [2] Reliquas omnes munitiones ab ea fossa pedes quadringentos reduxit, [id] hoc consilio, quoniam tantum esset necessario spatium complexus, nec facile totum corpus corona militum cingeretur, ne de improviso aut noctu ad munitiones hostium multitudo advolaret aut interdum tela in nostros operi destinatos conicere possent. [3] Hoc intermisso spatio duas fossas quindecim pedes latas, eadem altitudine perduxit, quarum anteriorem campestribus ac demissis locis aqua ex flumine derivata complevit. [4] Post eas aggerem ac vallum duodecim pedum exstruxit. Huic loricam pinnaeque adiecit grandibus cervis eminentibus ad commissuras pluteorum atque aggeris, qui ascensum hostium tardarent, et turres toto opere circumdedit, quae pedes LXXX inter se distarent.

Ao fato de tudo pelos trãnsfugas e cativos, assentou Cesar nestes gêneros de fortificação. Abriu um fosso de vinte pés de largura, cujos lados eram cortados a pique, e cuja profundidade igualava a largura. Quatrocentos passos por detrás deste colocou todas as mais fortificações, isto, para que (pois via-se obrigado a abranger tamanho espaço, que não podia facilmente guarnecer com soldados), de improviso ou à noite, não voasse alguma multidão de inimigos contra os entrincheiramentos, ou não pudessem de dia arremessar dardos contra os nossos ocupados no trabalho. No espaço que ficava de permeio, abriu outros dois fossos de quinze passos de largura, e profundidade igual, dos quais o interior em paragens campestres e baixas, encheu com água derivada do rio. Por detrás destes, construiu um terrado e uma trincheira de doze pés. A esta revestiu de parapeito e ameias, ficando nas juntas do parapeito com o terrado eminentes grandes cervos (106) para dificultar a subida aos inimigos, e flanqueou toda a obra de torres, que distavam oitenta pés, uma das outras.

O esquema seguinte ilustra o feito de *Caesar*:



Circunvalações e artefatos para defesa e sítio organizados por César em Alésia⁵

Após quatro batalhas, empreendidas pelos gauleses no intuito de sair da praça-forte sitiada e após rechaçados os reforços externos e já ameaçados pela fome, sem terem como alimentar idosos, mulheres e crianças, os gauleses e seu líder máximo rendem-se. Dois anos depois,

a pacificação da Gália estava consumada. *Caesar* debelara a maior revolta contra Roma, lançando mão da tecnologia a seu dispor, aliando sua experiência à arte do cerco.⁶ Séculos mais tarde, após a *débâcle* em Adrianópolis (378) diante dos godos e alanos, uma voz levanta-se, procurando ressoar os antigos feitos d'armas dos romanos em tempos de calamidades iminentes no campo militar.

VEGETIUS E SEU MANUAL: POR UMA EXORTAÇÃO PARA A VOLTA AO PASSADO

Diferentemente de *Caesar*, são escassos os dados acerca da vida de *Publius Flavius Vegetius Renatus* (séc. IV). Ele mesmo se autodenomina um *vir illustris comes*, um ilustre varão e companheiro do imperador, e supõe-se que tenha aceitado o cristianismo como sua religião, pois seu cognome *Renatus* assim o sugere.

Sua obra *Epitoma rei militaris* parece ter sido concluída posteriormente ao ano de 383, morte de Graciano, visto que o imperador já aparece deificado em seu texto. Contudo, seu escrito parece ser dedicado ao imperador Valentiniano III (419-55). G.R. Watson (1969, p. 25 e sgg.), em seu estudo sobre o *SAM*, alerta-nos para o caráter caleidoscópico do *Epitoma*, apontando para autores como *Cato*, *Cornelius Celsus*, *Frontius*, *Paternus* e excertos de *Augustus*, *Traianus* e *Hadrianus* como possíveis referências para o autor. A obra está dividida em 5 *libri*, que se ocupam dos seguintes temas, segundo Paulo Matos Peixoto (apud: VEGÉCIO, 1995, p. 15):

O primeiro trata da seleção dos recrutas e da instrução no uso das armas; o segundo considera a organização e o adestramento no combate; o terceiro expõe alguns estratagemas técnico-táticos e logísticos; o quarto descreve as máquinas de guerra; o quinto, finalmente, dita os princípios da guerra naval.

Pelo exposto, nota-se a amplitude temática dos capítulos da obra de Vegécio. Contudo, em respeito à extensão do artigo, restringir-nos-emos a alguns comentários sobre um trecho selecionado dos *libri* I, II, III e IV, em que encontramos assinalados os pontos sob análise em nosso artigo.⁷

Logo no início do *Liber* I, 1, *Vegetius* menciona a importância do conhecimento e do uso correto das armas para o sucesso passado de Roma quando em luta contra variados povos, superiores aos romanos em inúmeros aspectos:

Nulla enim alia re uidemus populum Romanum orbem subegisse terrarum nisi armorum exercitio, disciplina castrorum usuque militiae. Quid enim aduersus Gallorum multitudinem paucitas Romana ualuisse? Quid aduersus Germanorum proceritatem breuitas potuisset audere? Hispanos quidem non tantum numero sed et uiribus corporum nostris praestitisse manifestum est; Afrorum dolis atque diuitiis semper impares fuimus; Graecorum artibus prudentiaque nos uinci nemo dubitauit. Sed aduersus omnia profuit tironem solleter eligere, ius, ut ita dixerim, armorum docere, cotidiano exercitio roborare, quaecumque euenire in acie atque proeliis possunt, omnia in campestri meditatione praenoscerere, seuerè in desides uindicare. Scientia enim rei bellicae dimicandi nutrit audaciam: nemo facere metuit quod se bene didicisse confidit. Etenim in certamine bellorum exercitata paucitas ad uictoriam promptior est, rudis et indocta multitudo exposita semper ad caedem.⁸

Seguimos a tradução do trecho efetuada por Gilson César Cardoso de Souza (apud: VEGÉCIO, 1995, p. 18-9):

Os romanos submeteram o mundo todo, exclusivamente, pela proficiência no manejo das armas, pela organização disciplinar nos acampamentos e pelo emprego do exército. Efetivamente, que êxito havia de alcançar o limitado número dos soldados romanos contra a profusão dos gauleses? Como poderiam os romanos, de breve estatura, arrostar os formidáveis germanos?

Não se refuta igualmente que os iberos eram, não só mais numerosos que eles, mas também mais robustos.

A astúcia e riqueza dos africanos sempre superaram as de nossos homens; e ninguém duvidará jamais que os gregos se adiantavam a nós no saber e na arte. A fim de compensar essa manifesta inferioridade, impôs-se selecionar criteriosamente os recrutas, instruí-los no uso das armas, fortalecer-lhes o corpo com exercícios diários, examinar antecipadamente, nos campos de treinamento, todas as táticas possíveis, e ainda estabelecer severas normas disciplinares para castigo dos negligentes.

O conhecimento da arte militar fomenta a coragem dos guerreiros, pois ninguém tem receio de desenvolver uma atividade para a qual foi bem treinado.

Eis por que, nas batalhas, uma tropa pequena, devidamente utilizada, tem mais possibilidade de alcançar sucesso. A multidão turbulenta e mal adestrada está sempre exposta à derrota.

Evidentemente, o enaltecimento das forças inimigas é um *topos* retórico que concede ao vencedor uma aura valorativa ainda maior

do que as próprias façanhas realizadas, e *Vegetius* bem o sabia. Entretanto, sem dúvida alguma, o treinamento do legionário,⁹ a disciplina tática, a assimilação e a incorporação às forças romanas de inovações tecnológicas e armamentos tomados ao inimigo contribuíram sobremaneira para a constituição de uma máquina de guerra sem similares no mundo clássico.

O apelo às *virtutes* da antiga disciplina militar romana¹⁰ faz-se presente no *Liber* II, 3 do *SAM*, quando Vegécio rememora ao imperador a necessidade de retorno aos valores do passado em um momento decisivo da história de Roma:

Nam cum easdem expensas faciat et diligenter et neglegenter exercitus ordinatus, non solum praesentibus, sed etiam futuris saeculis proficit, si prouisione maiestatis tuae, imperator Auguste, et fortissima dispositio reparetur armorum et emendetur dissimulatio praecedentum.

De resto, dado o que custa o mesmo um exército bem ou mal organizado, será útil não apenas ao nosso, mas também aos séculos vindouros que, pela sabedoria de Vossa Majestade, ó Augusto Imperador, seja retomada a rigorosa disciplina das milícias e se compense a negligência do passado (apud: VEGÉCIO, 1995, p. 47).

A crise por que passava o exército romano após a derrota de Adrianópolis e a queda e saque de Roma em 410, as incursões cada vez mais constantes de tribos germânicas e não germânicas ao longo dos limites do Império e o declínio da estratégia romana de defesa *post* séc. IV são complexas e não podem ser aqui reduzidas a meros parágrafos explicativos. *Vegetius*, ao tratar eminentemente da questão militar, parece recorrer ao passado e nele já apontar como a negligência (*dissimulatio*) pretérita levou Roma a ser derrotada em frentes de combate. O elemento humano é introduzido de forma cabal, e nele residem os valores que poderiam vir a favorecer o *fatum* romano.⁵

A falta de obediência e de respeito à cadeia de comando e liderança requer ações disciplinares, inclusive com o recurso à pena capital, como assevera *Vegetius* no *Liber* III, 4:

Numquam enim ad contumaciam pari consensu multitudo prorumpit, sed incitatur a paucis, qui uitiorum scelerumque impunitatem sperant peccare cum plurimis. Quod si ferri medicinam necessitas extrema persuaserit, rectius est more maiorum in auctores criminum uindicari, ut ad omnes metus, ad

paucos poena perueniat. Laudabiliores tamen duces sunt, quorum exercitum ad modestiam labor et usus instituit, quam illi, quorum milites ad oboedientiam suppliciorum formido compellit.

As multidões não incidem na desobediência por consenso geral, mas por instigação de uns poucos que, agindo mal em grupo, esperam ficar impunes de suas culpas e iniquidades. Entretanto, se a extrema urgência sugerir o remédio da espada, cumpre reprimir os criminosos segundo o costume antigo, de modo que a todo se estenda o temor e a poucos o castigo.

Seja como for, apreciam-se mais os comandantes dados ao equilíbrio por força do empenho e da experiência do que aqueles cujos homens são coagidos a obedecer pelo medo da punição (apud: VEGÉCIO, 1995, p. 78-9).

O costume ancestral – o *mos maiorum* do excerto citado – deveria sempre regular a conduta do romano, como fica explícito no trecho em questão. De qualquer maneira, a execução de tais penalidades com o ferro somente deveria realizar-se em caso de extrema necessidade, pois se requeria sempre a *modestia* – o comedimento em tais ações.

Para o autor da *SAM*, as lições do passado, enfim, servem como parâmetros para balizar as ações vindouras. As experiências e a *scientia* adquiridas em séculos de lutas revalorizam táticas, formações de combate e armas romanas. Destaca *Vegetius* no *Liber IV*, 13 talvez uma das mais populares, a tartaruga – *testudo*.¹²

De materia ac tabulatis testudo contextitur, quae, ne exuratur incendio, coriis uel ciliciis centonibusque uestitur. Haec intrinsecus accipit trabem, quae aut adunco praefigitur ferro et falx uocatur ab eo, quod incurua est, ut de muro extrahat lapides, aut certe caput ipsius uestitur ferro et appellatur aries, uel quod habet durissimam frontem, qua subruit muros, uel quod more arietum retrocedit, ut cum impetu uehementius feriat. Testudo autem a similitudine uerae testudinis uocabulum sumpsit, quia, sicut illa modo reducit modo proserit caput, ita machinamentum interdum reducit trabem interdum exerit, ut fortius caedat.

A ‘tartaruga’ é feita de tábuas e recoberta, para evitar que se incendeie, de couros, almofadas de crina e panos grosseiros.

No interior existe uma trave em cuja extremidade superior se engasta um gancho de ferro que é chamado ‘foice’ devido à sua forma recurva e serve para arrancar pedras da muralha; ou então essa mesma extremidade é revestida de ferro e toma o nome de

ariete, seja porque sua superfície duríssima destrói os muros, seja porque, como os carneiros, recua para golpear com maior violência. Além disso, a 'tartaruga', analogamente ao verdadeiro animal que projeta e retrai a cabeça, puxa e avança a trave para dar maior vigor ao golpe. (apud: VEGÉCIO, 1995, p. 134).

Tanto a tartaruga, quanto a foice e o ariete serviam aos propósitos de cerco quando empregados em operação de assalto contra as muralhas e parapeitos inimigos. Sob a proteção de tábuas e recobertos com material que dificultava a propagação do fogo, os legionários avançavam e cumpriam sua missão. Em sua época, *Vegetius* percebia quão imperioso era o adestramento do homem d'armas romano em face das constantes derrotas por que passava o império. Seu relato configurou-se de um texto de valor testemunhal em documentação historiográfica sobre o início do fim da unidade política conhecida como Império Romano do Ocidente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos com as breves linhas deste artigo tecer comentários acerca das relações entre Literatura, História e mundo antigo greco-romano com o centro na questão do fenômeno da guerra. Os grandes textos literários de Grécia e Roma, como a *Iliada* e *Odisseia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio, apenas como exemplos, centram-se em guerras e combates entre heróis que personificam povos distintos. A historiografia ocidental grega nasce de *Histórias* de Heródoto (485-20 a.C.), com Tucídides (460-400 a.C.) e sua *História da guerra do Peloponeso*, com Xenofonte (430-355 a.C.) e sua *Anábasis* e com Políbio (203-120 a.C.) e a redação das *Histórias*. A guerra era para os gregos um componente essencial da sua história.

De forma não diferente, Roma criou sua própria História baseada em enfrentamentos bélicos com diversos povos, desde etruscos até germanos. Sua expansão civilizacional¹³ deu-se em muitos casos via enfrentamento com o outro – sua própria identidade faz-se presente no embate com as alteridades que se lhe opunham. Dos inúmeros políticos, comandantes e escritores que trataram em seus escritos sobre os acontecimentos militares da história de Roma, *Caesar* mostrou-se como estrategista, conhecedor de técnicas, táticas e armamento tanto romanos quanto dos adversários, transformando

suas legiões no martelo com que ele destruía a oposição, levando a *Urbs* a alguns dos seus maiores momentos de glória militar. *Vegetius*, por seu lado, escreveu, em tempos sombrios, de desmoronamento da estrutura militar romana, e seu discurso visa à volta aos tempos antigos, aos valores que ajudaram a formar a magnitude do poder romano no mundo de então. Todavia, os dois, separados por mais de cinco séculos e vivenciando realidades completamente distintas, mostram em seus escritos que a *scientia* e as *artes* bélicas dos romanos, juntamente com suas inovações, sua tecnologia e seu emprego, se associadas às antigas *virtutes* dos antepassados, tornaram e ainda poderiam tornar Roma uma verdadeira Cidade Eterna. Cabe a abordagens interdisciplinares - em nosso caso, no âmbito da História Militar e nas áreas da Literatura Latina e da História – resgatar e ampliar ainda mais o debate acadêmico.

ABSTRACT

Scientia et Ars in Caesar and Vegetius: a Small Critical Confrontation

The present paper develops concise reflexions on the Roman warfare in distinct epochs, comparing the initiatives of *Caius Julius Caesar* at the siege of the stronghold of Alesia in September 52 B.C. and the comments of *Publius Flavius Vegetius Renatus* (4th. century) in his *Epitoma rei militaris* regarding the characteristics of the legionary and one of his weapons, with the valorization the ancient roman *virtutes* in crisis times during the Low Empire.

KEYWORDS

Military history; Latin literature; history of Rome.

NOTAS

- ¹Baseamo-nos nestas linhas no excelente texto de PEDROSA, 2011, p. 2-3.
- ²Sobre as demais ideias políticas e morais dos romanos, ver PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1984, p. 317-428.
- ³Para dados concisos sobre *Caesar* leia-se a alentada introdução de Otto Maria Carpeaux à tradução de Francisco Sotero dos Reis (cf. CAESAR, *Caius Julius. César*).
- ⁴ Utilizamos a tradução do original para o português feita por Sotero dos Reis (cf. CÉSAR, Júlio. *Comentários sobre a guerra gálica*, 1967).
- ⁵Disponível em: <http://www.museudeimagens.com.br/alesia-cesar-conquista-galia/>
- ⁶ Para uma análise precisa da batalha de Alésia, ver GUSMÃO JÚNIOR, 2007.
- ⁷ Não incluiremos o capítulo v (*Liber v*), pois ocupar-nos-emos apenas com as forças romanas em campanhas terrestres.
- ⁸ O texto original por nós utilizado encontra-se em VEGETIVS, *Flavivs Renatvs. EPITOMA REI MILITARIS*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/vegetius.html>>. Último acesso em: 2 out. 2009.
- ⁹ Designaremos coletivamente o militar romano de legionário, deixando de lado as especificações das diversas unidades que compunham o “exército” romano por causa da concisão deste artigo.
- ¹⁰ Para um estudo mais aprofundado sobre a situação militar do Império Romano durante o Baixo Império, leia-se FERRILL (1989).
- ¹¹ No tocante aos valores caros aos romanos, cf. nota 2.
- ¹² Não confundir com a clássica formação em combate de pequenas unidades de infantaria romanas, compostas em fileiras e protegidas pelos lados com os escudos em forma semelhante a uma tartaruga.
- ¹³ Não entraremos em considerações sociológicas e antropológicas quanto ao conceito de “civilização” para os romanos. Entendamos o conceito como incorporação dos povos vencidos à esfera política e cultural romanas, com a posterior assimilação destas por aqueles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES E TRADUÇÕES

CAESAR, Gaius Julius. **Comentarii de bello gallico**. Edited by T. Hice Holmes. Oxford: At Clarendon Press, 1914. Disponível em: <<http://www.forumromanum.org/literature/caesar/gallic7.html>>. Último acesso em: 2 out. 2009.

CAESAR, Caius Julius. **César**: comentários (de bello gallico). Tradução de Francisco Sotero dos Reis. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/cesarPL.html>>. Último acesso em: 2 out. 2009.

CÉSAR, Júlio. **Comentários sobre a guerra gálica**. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1967.

_____. **A guerra das Gálias**. Introdução, biografia, notas e legendas das figuras de Victor Raquel. Lisboa: Edições Sílabo, 2004.

VEGÉCIO. **A arte militar**. Introdução de Paulo Matos Peixoto. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: PAUMAPE, 1995.

VEGETIVS, Flavius Renatus. **EPITOMA REI MILITARIS**. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/vegetius.html>>. Último acesso em: 2 out. 2009.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

CLAUSEWITZ, Carl von. **De la guerra**. Ciudad de Mexico: Secretaría de La Defensa Nacional, 1991. Tomo 1.

FERRILL, Arther. **A queda do império romano**. A explicação militar. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

FILHO, Cyro Rezende. **Guerras e guerreiros na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1996.

GILLIVER, Kate. **A guerra das Gálias**: Roma constrói o seu império. Barcelona: Osprey Publishing; EDITEC, 2010.

GUSMÃO FILHO, Amiraldo Martiniano de. **A batalha de Alésia**. Disponível em: <<http://www.galeon.com/projetochronos/chronosantiga/alesia/alesia.htm>>. Último acesso em: 2 out. 2009.

KEEGAN, John. **Inteligência na guerra**. Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **A face da batalha**. Traduc'ção de Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

PEDROSA, Fernando Vêlozo Gomes. **A História Militar tradicional e a 'Nova História Militar'**. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300540601_ARQUIVO_Artigo-HistMilTradeNovaHist-Envio.pdf>. Último acesso em: 2 out. 2009.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura clássica**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984. vol. II: cultura romana.

VANCEA, Oscar. The military reforms of Caius Marius. **CLIO**, 2007. Disponível em: <<https://cliojournal.wikispaces.com/The+Military+Reforms+of+Caius+Marius>>. Último acesso em: 2 out. 2009.

VARANDAS, José. Resenha. **Boletim de Estudos Clássicos** 42, dez. 2004. p. 239

WATSON, G.R. **The Roman soldier**. Ithaca: Cornell University Press, 1969.